

CAPÍTULO IV

AS ASSOCIAÇÕES DE MALFEITORES

As associações de malfeiteiros e o código penal.—A associação é uma tendência instintiva da humanidade, não é característica do criminoso.—A tatuagem e o crime.—As quadrilhas dos grandes centros de população e as dos campos, influencia geographica.—Organização e carácter de algumas quadrilhas em Portugal.—Diogo Aíves.—O calão.—As associações de malfeiteiros de Itália e da América do norte¹.

Segundo o artigo 263º do código penal português aquelles que fizerem parte de qualquer associação formada para cometer crimes, e cuja organização ou existencia se manifeste por convenção ou por quaesquer outros factos, serão condenados à pena de prisão maior cellular de dois a oito anos, ou em alternativa á pena de degrado temporario, salvo se forem autores da associação ou n'ella exercerem direcção ou commando, aos quaes será aplicada a pena de dois a oito anos de prisão maior cellular, ou, em alternativa a de prisão maior temporaria.

§ único. Serão punidos como cumpridores os que a estas associações, ou a quaesquer divisões d'ellas, fornecerem sciente

¹ Parte d'este capítulo foi publicado na *Revista de educação e ensino*, 1892.

e voluntariamente armas, munições, instrumentos do crime, guardada ou lugar para reunião.

Segundo o artigo 283º do código penal são proibidas as *associações secretas*, como as lojas de pedreiros livres e outras; é ilícita e não pode ser auctorizada qualquer associação, cujos membros se impozerem, com juramento ou sem elle, a obrigação de occultar á auctoridade publica o objecto de suas reuniões ou a sua organisacão interior, e os que n'ella exercerem direccão ou administracão serão punidos com prisão de dois meses a dois anos; os outros membros com metade d'esta pena.

Houve e haverá sempre associações na humanidade, quer elles tenham por objecto a satisfação de necessidades morais como as associações religiosas ou científicas, quer tenham unicamente em vista uma vantagem material, ou um proveito, como as associações industriais, financeiras, etc. A associação é a união de muitas pessoas para um interesse commun e especial, é um dos instintcos mais fundamentaes do homem em liberdade, como diz o ilustre publicista Laboulaye: *L'association relie les individus isolés et multiplie les forces en les réunissant*. O facto da associação humana é uma tendência permanente, um sentimento inherenté á nossa especie e a algumas animaes. As associações de maifeitores obedecem a essa mesma inclinação geral do espirito, e não são, entre os criminosos, psychologicamente um fermento de instintcos brutaes, uma manifestacão de velhas tendencias selvagens, como querem alguns criminalistas.

As associações de maifeitores são ephemeras, nascem hoje para morrer ámanhã, porque só o que é bom, é firme e duradouro, alen de que a sociedade combatê-as, e a sociedade suporta tudo, excepto a organisação systematica da iniquidade.

Os crimes das multidões ainda que da mesma natureza que os das *quadrilhas*, revestem um aspecto diverso. Uma fé comunum, uma paixão commun, um fím commun forma uma especie de energia vital d'este ser animado que se pôde chamar

multidão ou associação. Todos estes homens entre os quaes circula, como sangue através as cellulas de um mesmo corpo, o sentimento exaltado da sua solidariedade, a corrente da sua mutua sobreexcitação, tonam-se imediatamente estranhos a toda a humanidade que não faça parte do seu grupo, inacessiveis á piedade para o sofrimento dos seus concidadãos e dos seus proprios irmãos, o seu fim é matar, queimar e roubar, como é frequente nas revoluções e nos exercitos invasores. O sentimento moral d'estes individuos civilizados perdeu-se e reaparecem os primitivos instintcos selvagens. Os camponeses allemaes do seculo XVI sublevaram-se e armaram-se em nome da caridade e fraternidade evangélica, mas apenas entraram em campanha: «en bem vejo agora, diz com melancolia um dos seus generaes, que a maior parte d'elles só pensam no roubo e na pillagem»¹.

A multidão assim agitada é um organismo social retrogrado, capaz das mais atrozes iniquidades². As grandes campanhas commerciaes, diz M. Tardé, são a amostra historica mais nitida da horda criminosa por temperamento e por proflissão.

Sobre a multidão em assemblea existe o proverbio latino: *Senatores boni viri, senatus autem mala bestia*.

Laveleye tinha a opinião seguinte:

«Uma assemblea numerosa tem todos os arrebatamentos da multidão. A multidão é dominada por impressões comunicativas, subitas, electricas. O que opera sobre ella é a linguagem das paixões; umas vezes a das paixões levaradas e generosas, outras a das paixões desordenadas ou cegas, mas sempre paixões. A multidão tem o horror dos temperamentos; no primeiro momento vae até aos extremos, porque cada in-

¹ Vide Jean Janssen, *l'Allemagne*, pag. 253.

² *Les crimes des foudes*, par M. Tardé, pag. 73, *Actes du troisième congrès international d'anthropologie criminelle*.

Para maior desenvolvimento direce-se ler Scipio Sighele: *La foule criminelle, essai de psychologie collective*, traduit de Italiano, par Paul Vigny.

pulsão se fortifica e accelera, em razão da massa d'aquelas que a partilham. Reunam n'uma sala setecentos ou oitocentos indivíduos sensatíssimos, e as probabilidades serão de que elles façam mais de uma asneira.¹

Muitos supõem que o calão é característico dos criminosos, quando em determinados limites é comum a todas as classes. Nalgumas das nossas povoações fronteiras os contrabandistas têm uma linguagem especial, de que usam entre si para se entenderem reciprocamente.

Em toda a associação de malfeiteiros habilmente organizada ha tres categorias de socios, baseadas na divisão do trabalho formando uma hierarquia com o seu chefe. A primeira é a dos *indicadores*, muitas vezes espíritos levianos, outras vezes velhos criminosos, já na inactividade, a segunda é a dos *homens de ação*, que são a alma da quadrilha, a terceira é a dos *encobridores*, que na maior parte dos casos é desempenhada por mulheres. A celebre quadrilha de Diogo Alves¹, como adianta se verá, que no meado do nosso seculo abalou Lisboa com os seus crimes, tinha uma organização regular e habil divisão de trabalho.

O estudo das associações de criminosos é interessante só o ponto de vista da psychologia morbida, mas parece-nos de pouco valor para a determinação do *tipo criminoso*. O mesmo podemos dizer da *tatuagem, chrisma ou marca*, que se encontra entre individuos probos das baixas classes, e ao mesmo tempo entre as mais altas famílias da Europa. Os principes da família imperial russa são tatuados, e é a tatuagem sagrada, que é feita como lembrança indelevel da visita ao santo sepulcro de Jerusalém.

Na corte da Dinamarca ha uma princesa que tem tatuagem de origem amorosa em pinturas a cores por baixo da pele, como usam muito os marinheiros. E a princesa Maria, filha do duque de Chartres, casada com o príncipe Valdemar da

Dinamarca, irmão da imperatriz da Russia e da esposa do príncipe de Galles.

Como se sabe, o príncipe pertence á marinha de guerra do seu paiz. Pouco depois do seu casamento, teve de realizar uma viagem á volta do mundo, e durante a sua ausencia, a jovem esposa, para lhe demonstrar, quando voltasse, que era digna de ser mulher de um marinheiro, fez com que lhe pintassem ou, dizendo melhor, tatuassem no braço uma ancora muito bonita e bem desenhada.

A operação fez-se com o maior segredo, mas a rainha Luiza, não gostou da estranha lembrança, quando, no primeiro baile que se deu no pago, logo que voltou o príncipe Valdemar, viu no braço da princesa Maria a indelevel ancora azul. Desde então, a princesa vin-se obrigada, por conselho da sogra, a não se apresentar em rigoroso traje de corte, a fim de ninguem ver que ella está tatuada.

Na opinião do ilustre philosopho e criminalista francez Henri Joly a tatuagem é um phänomeno psychologico que nos preguiçosos, nos inactivos nasce da necessidade de dar corpo ás suas concepções. O estudante que é preguiçoso, quando na aula, em lugar de prestar atenção á preleção do professor, de ler ou de fazer a sua prova escrita, executa desenhos extravagantes, ou no papel ou sobre a mesa ou parede. No selvagem é o sentimento do adorno; executa desenhos na pele, como um homem civilizado traz bordados no vestuario, outras vezes certa tatuagem significa um sinal de poder ou exprime os sentimentos ou as idéas do tatuado.

O cadáver de um homem fallecido ultimamente no hospital de Santa Cruz, Barcelona, excitou muitíssima curiosidade, porque apresentava uma original e artística *tatuagem*.

Na parte superior do peito lia-se a palavra *Liberdade*; por baixo d'ella via-se uma coroa de folhas de louro com uma pombo a cada lado, e logo mais abaixo estas palavras: *Homen as mulheres infieis*.

No lado esquerdo do peito estava pintado um punhal; no

¹ Vide *Crimes de Diogo Alves*, por Leite Bastos.

direito, um coração atravessado por um punhal e uma cruz; na parte media, uma especie de condecoração e, alem disso, um busto de mulher encimado com esta inscrição: *Izabel, imperatriz de Austria.*

Os braços tambem estavam tatuados, lendo-se n'um d'elles:

Viva a liberdade! morram os tyrannos!

Estas palavras encimavam um busto da republica. No outro braço via-se um gorro turco.

O individuo a que nos referimos era de nacionalidade francesa, e pertencia á tripulação de um navio inglez que esteve no porto de Barcelona.

A preguica e a ociosidade faz com que a tatuagem se entre frequentemente nos delinquentes, sem ser todavia um signal de crime.

Foi nos ultimos tempos julgada no tribunal criminal de Nápoles uma quadrilha de salteadores, que se intitulava a *Maldita*, e que se compunha nada menos do que de cento sessenta e tres facinoras, quasi todos elles já com muitos crimes e muitas condenações. O chefe da quadrilha, Traversa, estava todo tatuado. Tem o corpo litteralmente coberto de desenhos, os mais extravagantes e alguns muito obscenos. São mais de seiscentas as figuras de mulheres e animaes que tem pintadas pelo peito, costas, pernas, braços e mãos. No meio do peito tem um grande sol. E no meio das costas o desenho de um homem enforcado sobre o patibulo. Tem a pelle transfigurada em um museu!

Apparecem ás vezes nas províncias do norte de Portugal individuos mendigos com tatuagem sagrada, em geral um crucifixo desenhado no peito, e o povo ingenuo das aldeias crê que é um personagem que a natureza assignalou em obediencia aos designios do céu. Muitas vezes a superstição atraiue-lhes o dom de adivinhos. Os soldados e os marinheiros soffrem a tatuagem amorosa, impressa indelevelmente pelas antigas amasias que vegetam na vizinhança dos quarteis. Ás vezes ellas embriagam-nos para esse fim, tatuando-os durante esse pesado sonno.

A primeira forma da associação de malfeitos nos grandes centros de população é geralmente o parasitismo que vive do vicio, e em regra ligado á pederastia e á prostituição.

As associações de malfeitos nos campos, que em Portugal se chamam *quadrilhas*, têm origem diferente.

Muitas vezes são mascaradas com fins politicos e commerciales, a fin de melhor fugirem á accão do código penal, outras vezes são no começo associações honradas que depois degeneraram em criminosas.

D'este seculo vivem ainda na memoria do povo as quadrilhas de bandoleiros celebres como José do Telhado, assim como no seculo XVII causava panico a quadrilha de Paschoal Paes, que foi enfocrado em Lisboa, a de Araujo de Lacerda e de Gonçalo Sousa, que foram enfocados com barago e pregaro, a de José Nicôs, vasta sociedade de falsarios com ramificações em diferentes paizes.

A configuração physica do solo exerce influencia notavel sobre as tendencias dos seus habitantes. As montanhas, segregando dos povos vizinhos as populações, originam particularmente divisões segundo as necessidades sociaes, condicionadas pelos seus costumes e pelos seus dialectos. Nas provoações das faldas das serranias o trabalho é rude e forgado, o alimento difficult e simples.

Estes povos em geral são dotados de robustez phisica e de uma certa altivez moral, e preferem a vida do bandoleiro á do mendigo. As serras da Beira têem sido guardadas de bandoleiros e coito de malfeitos. São bem conhecidos os saltadores lendarios, mixto de heroes e de bandidos, da serra Morena e da Calabria. A sua indomavel coragem e alta independencia, tanto nas guerras civis como na resistencia aos assaltos para serem capturados, é favorecida pelas trincheiras naturaes.

Nas guerras civis da peninsula os partidos politicos chegam a fazer transacções com estas associações, a enviar aos seus chefes portarias de louvor. As ultimas notaveis foram as de João Brandão, na Beira, de Galamba e do Batalha, de

Portel, no Alemão. É entre elas que mais se recrutam os guerrilheiros¹.

Muitas das guerrilhas das nossas luctas civis na primeira metade d'este seculo mal se distinguem das associações de malfiteiros. João Brandão foi o ultimo.

Nasceu n'uma epocha agitada entre gente, dominada pelas paixões políticas, acostumado a actos violentos e quasi desde a sua meninice arrastado a praticá-los, sem outra norma que não fosse o facciosismo, a vingança ou o interesse. Os governos toleraram e muitas vezes protegeram essas iniquidades. Diz o dr. Trony, como advogado, na defesa de João Brandão: «Nasceu, pelo assim dizer, para a luta com os adversários de seu pão, cresceu e educou-se no honrisio, nas grutas das montanhas, nas espressuras dos bosques, nos recantos dos valles e nos combates para defender a sua vida e a dos seus²».

O seu carácter é mais de um guerreiro que de um criminoso vulgar. Pelos governos foi louvado e condecorado por muitas d'essas fagamhas. Tendo sido capitão do batalhão da esquerda do Mondego, houve-se sempre com energia e probidade. Era um regulo de outras eras que se arrogava o direito de punir elle proprio os criminosos e proteger os inocentes. Se tivesse vivido na epocha do domínio romano ou até na idade media seria nas serranias da Beira para uns um heroe amado por sequizes dedicados e para outros um chefe temerário odiado por inimigos encarniçados; já mais um criminoso

vulgar. Ainda assim, na epocha em que viveu, para uns era chefe de um bando de assassinos e ladrões, e para outros era chefe de cidadãos benemeritos e salvadores. A sua influencia sobre os que o seguiam era magnética, irresistivel⁴.

¹ Individuos que parecem, pelos primeiros actos da sua vida, destinados para o crime, vem a ser personagens importantes na sociedade em que obram. As circunstancias em que vivem esses personagens fazem d'elles réus, desprezíveis ou heróes. Como exemplo apresentámos os seguintes documentos ineditos, passados na guerra de Montevideu, 1818, sobre um notável portuguez, de reputação prestigiosa, falecido há poucos annos, que fôrça agraciado gloriosamente com o título de B. do R. Z.:

III.^{mo} Ex.^{mo} S.^r.— A conducta do Alferes J. B. P. do Regimento do meu Comando, lhe amais vergonhozo possivel; seus costumes são detestáveis que eu me não animo a escrevellos; mas não posso disporqüeme de participar a V. E.^a que elle não pode estar de quartel com os maus Oficiais; e histo por motivos, fôr deveriam ser inacreditaveis.... Além dos defeitos criminose que tem este Alferes, que eu verbalmente cumentei a V. E.^a; ajunta mais o de ter tido amald.^e de convencer hum Oficial inferior, para dar huma pte falsa afim de encubrir sua relaxação no Serviço; e por ultimo este pessimo Oficial não hé digno de entrar na Roda dos maus Oficiais do Regimento que tenho alonra de Comandar; e por isso me vejo na Regrozoa necessidade de Rogar a V. E.^a queira por na prezenga de S. Ex.^a o Sar. Capp.^{am} Gen.^{al} Barão da Laguna e Comand.^e em Cheffe estas poderozas razoens, para que S. Ex.^a se Sirva dar a este Alff.^{es} odéstimo que lle parecer conveniente, afim desalvar este Regimento, e inesmo a Devizão da nodosa que lhe cauzara a existencia de hum Oficial enjós pessimos Costumes ja eraõ conhecidos no 2º Regint.^o de Inf.^{tr}, donde passou para este Regimento.

D.^{es} G.^{te} a V. E.^a = Acantonam.^{to} naCruzado Silva 7 de Agosto 1818. = III.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Jorge de Arelvez Juz.^{te}

III.^{mo} e Ex.^{mo} S.^r.— Tenho a honra de informar a V. E.^a para chegar ao Conhecimento do III.^{mo} e Ex.^{mo} St. Capitão General Barão da Laguna e Comand.^e em Chefe, que em consequencia de huma Comunicaçāo oficial verbalmente feita pelo Cap^m José Joaquim Pacheco, que comunica o Acantonamento da Caza do Soares, Rellativa acondictra do Alferes J. B. P.; escrevi a V. E.^a ontem Oficio de 7 d'este mez, naõ efectuando entâo as Culpas daquelle Alferes pelo pejo que me cauzava

¹ Na Coleção de sentenças do Moreira, existente na biblioteca nacional, e nos relatórios do arquivo da antiga Intendência geral de polícia, ha valiosos dados para o estudo das Associações de malfiteiros em Portugal, e modernamento no livro do sr. Joaquim Martins de Carvalho, Os assassinos da Beira. Nós temos sobre os bandidos celebres de Portugal e associações de malfiteiros, documentos historicos-psychologicos importantes, de que havemos de servir-nos n'um proximo trabalho.

² João Brandão, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, 2.^a edição, pag. 51 (1869).

Na novella *Crime e castigo*, do grande romancista russo Dostoevsky, aparece-nos um jovem criminoso, estudante de universidade, que praticou um duplo assassinio partindo da seguinte hypothese: «Se Napoleão, por exemplo, como elle fosse pobrissimo, não tivesse para começar a sua carreira nem Toulon, nem o Egypto, nem a passagem do Monte Branco, mas que em logar d'essas brilhantes expedições se achasse em frente de um homicidio a commetter para assegurar o seu futuro, ter-lhe-ia repugnado a ideia de assassinar uma velha e

es crevellas, o que fasso agora por obediencia ás Ordens de S. E. o Sr. Cap.^m General, comunicadas em Ofício do Adjuntante do Campo de V. E. em data de 10 deste mez. Pelas Copias das partes do Capitão Pacheco, e Alferez Antonio Jose d'Araujo, conhecera Sua Ex.^a omotivo da minha Representação; acrescendo álem disto a publicidade dos maus costumes daquelle Alfercs, que para vereficiallos pessó a Sua E.^a o Sr. Capitão General e Com andante em Chef se digna mandar-se informar, se sôô notoriamente sabidos entre a Officialelidade do 2º Regimento de Infantaria; epartico larmente dois factos os mais degradantes para qualquer homem, e prencipalmente para hum que se propunha passar, como passou, para anobre Classe de Official. O primeiro facto conciste em ter O Alferez J. B. P., então Cadete do 2º Regent^o de Infantia^r, Roubrido huma porça concederavel de denleiro ao seu proprio patrão em Montevideo, aqual tornou aentregar, aforça de Ameassas, mas ja defalcada de alguma quantia. O 2º facto he o deter o Capitão do 2º Regimento Manoel Geremias Pinto Co m and ante da propria Companhia, de que aquelle Alferez hera então Cadete, pedido aos Off.^{rs} daCompanhia Ademetssem no seu Quartel ao Referido J. B.; fecardo elle Capitão Responsavel por todo equalq^r Roubo, q^r Ihes fosse feito pelo então Cadet J. B.; havendo amui notavel serouns tñeria de ser este convénio feito pelo Cap.^m e seus Officiaes face do mencio naldo Cadete; o que prova exuberantemente anotoriedade dos seus maus costumes, e da sua propria convicção.

Avista destas serumnâncias pode S. E. o Sr. Cap^m G^al conhecer as justificadas Razões q^r tenho para lhe pedir a especial graca de tirar deste Regimento hum endevíduo q^r o deshonrará p' ixtrmo em se volgarizando mais oconhecimento de Sua pessima conducta; de que naõ he facil ter emenda; emesmo q^r ativesse, a sua Reputacão fecaria manchada para Sempre. D^s G^e a V Ex.^a Acantonamento naCaza do Silva 12 de Agosto 1818. II^{mo} e Ex^{mo} Sr. Jorge d'Arellez Juzarte.

de lhe roubar 3:000 rublos». O estudante entende que Napoleão não só não teria hesitado, mas não teria até comprehendido a possibilidade de uma hesitação.

É d'esta qualidate que moralmente são a maioria dos heroes e dos guerreiros. Se não fosse o meio favoravel em quiveram, muitos não passavam de delinquentes, punidos pelo codigo penal. O crime é mais o resultado das condicões sociaes, do que de effeitos physiologicos.

A sociedade secreta dos *Dixodings*, formada em 1828, quasi na totalidade, por estudantes da universidade de Coimbra, tinha um carácter politico e tornou-se celebre por ter commetido diversos homicidios de professores da universidade e de outros individuos.

A *Sociedade das invisíveis*, de Vouzella e Oliveira de Frades, também politica, commetteu varios crimes de fogo posto e de assassinio.

(Vide os *Assassinos da Beira*, 1 vol., 1890, pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho.)

Entre os estudantes da universidade de Coimbra é tradicional a organisação de extravagantes associações. Ainda ha pouco tempo se lia no jornal o *Conimbricense*, que se formou em Coimbra uma *sociedade secreta*, composta de malevolos e mal educados, organizada n'esse anno lectivo, a qual é denominada pelos proprios socios por *Tuna aerea ou o Abafase*. Diz mais que tal sociedade secreta tem signaes de reconhecimento e com muita similitancia na sua organisação á antiga e celebre sociedade secreta de estrudantes, o *Raios*, ainda que com fins diversos, e é d'ella que tñem provindo os furtos de gallinhas e espâncamentos. Ha trinta annos existia com igual caracter a do *Rancho da carqueja*.

Como amostra de associações de malefícios em Portugal, regularmente organizadas na distribuição das suas funções com os seus *homens de ação*, os *indicadores* e *encobridores*, apresentâmos a de Diogo Alves, que commetteu numerosos assassinios e muitos roubos, transcrevendo um excerpto de um romance historico que põe em scena uma sessão da quadrilha.

Os sinistros personagens usam de calão e são tratados pela alcunha que lhe vem de defeito ou de sucesso.
Eis o trecho¹:

Na ratoeira

Antes de chegar ao largo de Andaluz havia uns casebres abarracados que o camartello já fez desapparecer para dar lugar a novas edificações.

Era n'esses casebres que ultimamente Diogo Alves reunia a quadrilha, e era para ali, que, como já devem suppor, se dirigiam os tres personagens do capitão precedente.
A ratoeira, designação dada n'aquelle tempo pelos ladrões á casa em que se reuniam para combinar e deliberar a respeito dos seus planos criminosos de roubo e morte, estava armada n'essa noite, e singularmente frequentada.

Dir-se-ia, como nos espetáculos de sensação : a casa estava a trasbordar, a enchente era completa.
Assim foi.

Diogo annunciara a perspectiva de um grande roubo, que daria a independencia dos que n'elle tomasssem parte.
Nenhum faltou.

A casa estava escassamente alumniada por duas ou tres candias, collocadas nas ombreiras das portas, em guiza de placas, e alimentadas pelo detestável azeite de carrapato, cuja fumarada denegria as paredes, e cujas exalações pestiferas mal se poderiam supportar se não as combatesssem os circumstantes com o fumo dos cachimbos e dos cigarros.

Havia ao meio da casa principal uma pequena mesa de pinho, tendo ao centro um grande cangirão de barro, contendo o pacífico torreano, já baptizado pelo almoçreve, para não morrer mouro, entre gente de tão maus costumes, e obter elle assim os cem annos de perdão, concedidos pelo popular adagio a quem rouba à ladrão. Mais ao lado estava uma guitarra e duas bellissimas sevilhanas de ponta e mola, misturadas com

muitas chaves, gauzas, etc., tudo para que se não dissesse : que em casa de ferreiro havia espeto de pau.

Diogo tinha uma perna sobre a quina da mesa, e um braço passado amigavelmente pelos hombros da Parreirinha. Este grupo era completado por um maltez formidavel, que de cauda levantava pacificamente sobre a mesa, roncando e encostando-se surrateiramente aos donos, como provocando-os a contendorem com elle para lhes mostrar as afiadas unhas.

Festas de gato.

Na outra extremidade, com a cabeca escondida nos braços que estendia sobre a mesa, estava o Beigo Rachado, já de barba crescida, jaqueta de alamares e umas calças arremendadas e sujas ; tinha a manta enrolada nas pernas e o barrete derrubado para traz, no alto da cabeca, indicio de que a sentia mais quente que o resto do corpo.

Proximo d'ele destacava-se um personagem que vestia o uniforme dos guardas barbeiras.

Era o José Maria Lopes. Também fora convidado para tomar parte na *jornada da casa do medico Andrade* e achava-se ali como quem não está á vontade : constrangido, e com a consciencia de quem não pôde fazer boa figura.

Em frente de Diogo estão dois patrios seus, ambos arguidos : João das Pedras, do chafurz da Alegría, e Cosme de Araujo, do chafurz das Necessidades.

Nas extremidades da mesa vêem-se mais tres personagens de condições completamente distintas. De um lado o João Maria Arameiro, com a sua fardeta de cabo de policia da Fonte Santa, e o Fernando Baleia, criado de servir, de camisolas e bonet ; do outro um rapaz que se dá certos ares de supremacia e parece distanciar-se dos seus companheiros, não só pelo trage, como pelos modos de exprimir a phrase e de tratar com elles.

Veste com asseio, tem cadeira e relogio, brinca distrahadamente com a bengala, diz-se negociante, e apresenta-se como quem realmente o sabe ser ; está de chapéu na cabeça, o que indica duns coussas : confia na casa, e autoridade na assembleia.

E o Pé de Dança.

¹ *Crimes de Diogo Alves*, por Leite Bastos, pag. 187.

Antonio Pallares, o creado Manuel Alves, e o seu primo do celleiro, Antonio Martins, chegaram depois. A questão debatida era gravíssima, porque as opiniões estavam divididas entre os influentes da situação.

Dos tres que se esperavam, só dois podiam ter voto, porque Manuel Alves era considerado como simples instrumento, e não tinha direitos adquiridos ainda, para que a quadrilha o proclasse companheiro.

Pé de Dança expozera com lucidez e clareza o negócio. Estava de acordo que o medico Andrade fosse riquíssimo, parecendo-lhe portanto um *bonito trabalho* o proposto pelo cai-xeiro do celleiro, mas também sabia que, roubando o medico, iam despertar um inimigo poderoso, que lhes deveria mover uma perseguição tenacíssima.

Tudo isto Diogo contestou.

O seu plano era o assalto a mão armada; colher de surpresa toda a familia reunida, pela noite, e matá-la. Depois seguia-se o roubo.

Matar quatro pessoas não lhe parecia demais. Elle achava-se com disposição para commeter outros crimes ainda de maior vulto.

D'áhi, contaria com tres homens decididos: o Beijo Rachado, o Pallares, valente como as armas, e o gallego, sanguinário e feroz como o tigre.

Estava no seu elemento, batia com os punhos cerrados na mesa, e bradava ao Pé de Dança:

— Este gajo, por mais que me digam, tem mais geito para *rato de cadeia*⁴ que para ladrão. Pois olha que foi cousa que nunca haverá de ver, *razo*² sem coroa e *maquinô de braço seco, sem derrubadora*³.

O Beijo Rachado riu do remoque.

— Eh! diabo... Que boa alcunha te prantaram de Pé de Dança... É todo maneiras finas... todo cheio de nove horas, de tudo se *arrégina*¹.

O guarda barreira interveiu prudencialmente.

— O rapazes, não armem *banzé*.

— Qual banzé, ó seu *apalpador*², aqui não ha contrabando, entende?

— O rapazes, *adiquem* para cá. Isto é para quem quer. A cousa está combinada. O *patejo* abre-nos a porta e nós enfiamos pelo *cardenho*, descalços para que os gajos não desconfiem, percebe-se, e a um signal, já se sabe, a um signal, saltâmos todos, cada um agarra-se ao primeiro, é logo a *mechanica* para n'io *charrearem*, apagam-se as luzes e...

— E o creado? perguntou a Parreirainha que estava n'este negocio plenamente de acordo com o Pé de Dança. Vossés têm confiança n'elle?

— Ala o Trunfo³ que o Antonio Martins responde por elle.

— Vê em que te mettes, Diogo.

— Não tem dúvida.

— O gajo pôde lá ter as *madrinhias*⁴ da parte de dentro do coté e ficarem todos ali *aparelhados* por elle?

¹ Ifororisa.

² Guarda barreira.

³ Vira Deus.

⁴ Testemunhas.

⁵ Presos.

A título de comparação da gíria aqui mencionada e da existente no resto d'este romance, damos a lista do calão que se segue; uma parte d'estes vocabulos vem da lista do sr. Alfredo Luiz Lopes (*Revista de Educação e Ensino*, 1893) e outra parte foi-nos fornecida recentemente pela polícia:

Abedezens, bolsinha de senhora — *Adicar*, olhar — *Administrante*, governador civil — *Aguentado*, carregado, preso — *Alagauio*, grilho, cintante, padrao, religio — *Aljaba dos galões*, algibeira das calças — *Aljuba do justo*, algibeira do collete — *Aljubata por faldete-o*, algibeira do casaco — *Alverado*, administrador do concelho — *Atreda-se rechudo*, uma bolsa ou sacco com bastunte — *Alpinar*, fugir — *Anurna, rumar*, cu-

¹ Advogado.

² Padre.

³ Ladrão de braço desarmado, sem faca.

— Qual? No ultimo caso... matava-se tambem o criado!
Beijo Rachado e o Enterrador aplaudiram com entusiasmo.
— E levado do diabo, este Dicgo! diziam.

deia — *Ancia*, agua — *Ancias*, degrado — *Andarilho*, pessoa que pagava despesas — *Arecosos*, annéis — *Areal*, estendedor de roupa — *Arrebentan*, arronbar — *Bago*, gadé, dinheiro — *Bastos*, dedos — *Begue*, nariz — *Bola*, feira — *Borrego* de dez tiros, bilhete de loteria — *Branco*, lençoes — *Brilhos*, brilhantes — *Busco*, estrangeiro, filho, gijo, ladrião — *Calcos*, botas — *Caliza*, dinheiro em prata — *Cangra*, igreja — *Careca*, queijo — *Carmoos*, costões — *Catufiar*, premuer — *Chagus*, annos de degrado — *Chelindro*, prissio — *Chelidre*, dinheiro em cobre — *Chilo*, devincante — *Chicoreia*, masso de cigarros — *Chocalheira*, secretaria — *Choria*, homem que está dormindo — *Chomur*, dormir — *Choura*, chouriço — *Chucos*, fumancos — *Conter um pairante ao manego*, roubar um relógio — *Comigo*, commissario — *Corila*, cordão de ouro — *Cueo*, polícia — *Dresgommur*, abrir — *Desomar a rama*, roubar uma corrente — *Doflo*, cidade do Porto — *Drofu*, porta — *Embarcar*, empurrar — *Empolhar*, empeñhar — *Engommar*, fechar — *Esborenca*, homem desconfiado — *Esbrenecer*, contar, dizer — *Escamencia*, comida — *Esfriar o céu da bôca*, morrer — *Esfiga*, choupa — *Esquefe*, blennorrhagia — *Estalo*, bofetada — *Estampilha*, bofetada — *Estardo*, cudeia — *Estillhar*, repartir — *Estroncar*, retocer o fecho da corrente do relógio — *Fachta*, cinta — *Facho*, pau — *Fadilhar*, vender — *Fardilha*, futo — *Furoes*, olhos — *Fazer palla*, esconder o ladrão — *Ficar tijolo*, estar enterrado — *Feridas*, batatas — *Feridh*, embriagado — *Fifar*, acordar — *Figura*, cara — *Flilhanjo*, nota do banco — *Filhozes*, notas — *Fiuzeis*, pés — *Figanta*, espingarda — *Foganta de dois narizes*, espingarda de dois canos — *Fronha*, pão — *Fungante*, tabaco — *Galdras*, calças — *Ganhher*, roubar — *Gargantoso*, garrafa — *Garinjo*, a, rapuz, rapariga — *Gavea*, gaveta — *Gavino*, galão — *Gera*, carne — *Gifta de quelles*, ladrião de casas — *Gifta de trilho*, ladrião de estrada — *Golfo*, filalgo — *Guadler*, avisar — *Guadlinas*, calças — *Guinu*, gallinha — *Guifa*, soldado municipal — *Hospicio*, hospital — *Intrines*, algibeiras de dentro — *Intrija*, comprador de roubos — *Jariño*, teatro — *Layarto*, provinciano — *Lambras*, macaças, petiseos, libras — *Lanceiro*, gallo — *Laryn*, lenço — *Lempasilir*, ver — *Lingua*, porte monnaie — *Lixa*, laranja — *Londrino*, eautela falsa — *Lupulu*, conhécido — *Macaca*, cartaria — *Macaco*, policia — *Mãe*, alavanca pequena — *Mamia*, ajuntamento — *Manega*, mulher — *Manego laten-se*, esbronzou-se, o sujeito viu-se roubarlo — *Menegro*, a, homem, mulher —

Foi n'este momento que se ouviu da parte de fóra o signal convencionado, e a Parreirinha correu a abrir a porta aos tres personagens que já eram esperados.

— São elles! disseram todos.

O Antonio Martins vinha na frente.

— Cá temos o homem, ó rapazes, disse elle apresentando o primo.

Menez, individuo — *Murar*, matar — *Massa*, dinheiro — *Milho*, dinhei-ro — *Monte de borlas*, chale — *Nafifa*, navalha — *Não se aliella com nentes*, não tem dinheiro — *Néjo*, não — *Nuvens*, lençoes — *Olivo de boi*, moeda de cinco tostões — *Pudre*, padeciro — *Pala*, vigia — *Paulfar*, apalpar — *Pãozinho*, homem pouco esperto — *Patego branso*, homem do campo — *Paulino*, coelho — *Peqia de preonha*, peça de fazenda — *Pé de burro*, revolver — *Pelludo*, capote, coberto — *Penant*, chapéu — *Penant de danu*, chapéu de chuva — *Penduros*, brincos — *Pera*, saquinho — *Phantasma*, patrulla — *Piculus*, navalhada — *Pinha*, cubica — *Pireza*, fuga — *Prola*, cama — *Plantus*, cordas em prata — *Pugnha*, panno — *Pumbal*, casa — *Paleiro*, companheiro — *Portar-se*, ir, estar — *Pregos*, libras — *Pulo*, policia — *Puro sem feitio*, charuto — *Quilis*, casa — *Racha*, prisão — *Rama*, cadeia de relogio — *Raro*, padre — *Rutha*, chave — *Rectomla*, saia — *Rejilar*, oppor-se — *Relangui*, roubar de furgida — *Relogio*, coreão — *Restrendaílo*, preso — *Restrandular*, prender — *Retruso*, bolsa de preta — *Retrura*, bolsa de prata — *Rila*, chave falsa — *Riolanta*, vestido de mulher — *Rontante*, carro — *Romella*, romaria — *Rustileiriz*, comitida — *Sacrilhia*, navalha — *Sebogniero*, ladrão de roupas — *Sempre*, sim — *Siniqui*, tabaco — *Sonaco*, libra — *Sopau*, roubar — *Soneca*, pataco, bacallau — *Sindelgna*, sopapo — *Surda*, barril — *Suriomeco*, barril de manteigas — *Tainas*, lenços — *Tachu*, dentadura — *Tasqueirai*; mastigar — *Tingate*, foge — *Tiranete*, trançelim — *Tirn*, algibeira — *Tolu*, cabeça — *Tortallo*, chapéu de chuva — *Toscov*, ver — *Tonca*, mostrador de loja — *Traballor de sovaco*, andar ronhando — *Traballor de sonaco*, furtar dos bolsos — *Trubuquir*, roubar — *Trullu*, tesoura — *Trompson*, balu — *Trucanhir*, roubar — *Tulhu*, rua — *Va-lene*, alavanca de ferro para roubar — *Venze Imo*, valciza do Limoeiro.

No estudo sobre o calão do sr. Adolpho Coelho, publicado no livro *Os ciganos em Portugal*, 1892, não está colligida a serie de gíria que acabâmos de mencionar. A nossa serie era copiosa, mas tiramos d'ella quanto podímos os vocabulos que vem já insertos nas listas do livro referido.

Todas as atenções se dirigiram para Manuel Alves, mas nenhum ficou satisfeito com o aspecto reservado e constrangido que apresentava.

Dir-se-hia que se encontrava ali contra sua vontade.

O Antonio Palhares trazia o cigarro ao canto da boca, bonet ás tres pancadas e parte da fardeta desabotada. Foi-se direito ao canginão e bebeu dois grandes tragos, depois tirou do bonet um lenço de riscado e limpou os beiços, careteando.

— Esta foi á minha e á da bella sociedade.

O dialogo entretanto havia-se travado entre Diogo e Manuel Alves.

— Olha lá, sabes como eu me chamo...

O rapaz fez um gesto afirmativo e respondeu com certa humildade:

— Sei, sim senhor.

— Toma sentido!... Tu vae-nos introduzir em casa de teu amo. A que horas se recolhe elle?

— Logo ao escurecer, muitas vezes nem sae de tarde.

— Salves onde elle guarda as chaves da burra?

— Tral-as sempre consigo.

— Has-de-me dar uma idéa da divisão da casa e dos quartos.

O creado deu todos os esclarecimentos pedidos. Elle ouviu tudo e depois voltou-se para o soldado do 7.

— Olha lá, ó Palhares, a ti pertence-te o medico, a ti a menina Mourão, a ti a periza, e a ti a outra *gajona* mais velha. E á proporção que fa nomeando as victimas, apontava o algoz que lhes destinava.

Manuel Alves sentia calafrios mortaes, o coração batia-lhe com violencia, e a cabeça andava-lhe á roda.

— Agora outra cousa. Quando te parece que podemos ir lá?

O creado hesitava na resposta. Todavia era forçoso responder. Ben sabia com que qualidade de gente estaria mettido, e que lhe era impossivel retroceder sem arriscar a vida.

— Para a semana, disse por fim.

— Não. Isso é muito tarde: ha de ser amanhã, quando os

apanhares entretidos, á ceia, por exemplo. A que horas ceiam elles?

— Ás oito.

— Pois será ás oito!

E voltando-se para os demais, disse:

— Amanhã, na taberna do José Gordo.

Nós sabemos já qual foi o resultado d'esta primeira tentativa.

Beijo Rachado embebêou-se.

Vimol-o entrar cambaleando na famosa espelunca da praça da Alegría, onde o caixeario do celleiro foi esperar o resultado do assalto.

Já sabemos com que inquietação o caixeario aguardava o Diogo. Não tinha confiança no primo, temia que os atraiçoasse, tralhindo o segredo que lle fora confiado e entregando-os a todos na mão da justiça.

Quando viu entrar o Diogo tão cedo ainda, disse consigo: «Estamos perdidos.»

Mas depois elle contou-lhe tudo, praguejando contra o Beijo Rachado, e queixando-se do Pé de Dança, que se desligara d'elles, não querendo tomar parte no roubo em projecto.

Antonio Martins, atormentado pelo demônio da dúvida, desconfiado sempre, estremeceu de novo ao ouvir esta revelação.

— Diabo! exclamou elle, andará mouro na costa?

— Nada! O Pé de Dança não é para estas cousas: cheirou-lhe a sangue e safou-se.

— E não dará com a língua nos dentes?...

— Qual?! Quem denuncia o companheiro denuncia-se a si proprio.

O Martins calou-se.

Diogo estava profundamente absorvido e mal prestava atenção ao que se passava em redor de si.

Os jogadores continuavam com a mesma influencia o jogo que momentos antes fôra instantaneamente interrompido.

Cada um d'aquellos individuos cuidava de si com a maior atenção e não se lle importava do vizinho. Caso notável mas

verdadeiro: a curiosidade é causa incompatível com o interesse próprio: quem tem de cuidar de si não pensa nos outros. Assim era. O Beijo Rachado espoujava-se no chão e rebotava por debaixo da mesa, descrevendo os zigues-zagues mais caprichosos e grutescos; mas elas a nata se commoviam, davam-lhe com a ponta do pé, como quem afasta do caminho um objecto insignificante que o incommoda, e passa adiante.

Outros diziam ainda:

— Vae cozel-a para casa.

A maioria, porém, não dizia nada. Tinha os olhos mortígos, turvos, mas fitos no taboleiro verde em que saltavam os dados, e abrindo de quando em quando a boca para soltar umas phrases, exclamava:

— Pois agora varro essa!
E o parceiro todo inflammando:

— E eu topo a tudo.

— Vá, isso bem chaço-hadinho, ó seu Bebe Água.
— Schiu! Então, rapazes, vá de chiada, eu não tosco mesmo nada: não façam banzé, deixem ouvir.

Entretanto, o caixeario do celleiro dizia baixo ao Diogo:

— Queres saber, já vou agourande mal do negocio e parecer-me que o melhor seria dar cabo do Manuel, porque não vou nada á bola d'elle.

— Sabes que mais? respondia-lhe o Diogo, também eu, por aquella de ser teu primo...
— Estás a mangar!... Morrer por morrer...
O Diogo bateu-lhe no ombro.
— Es dos meus. Quem mata quatro mata cinco... Que dia-bo! dá seu trabalho, dá, mas o medico é rico e paga tudo.
E os dois malvados tiveram ainda um riso de alegria, para collorir com o escarnio do cynismo a tremenda sentença que acabavam de lavrar.

* * *

Diogo Alves, o *Pançudo*, e Antonio Martins, o *Celheiro*, foram enfurecidos no caes do Tojo, em Lisboa, a 19 de fevereiro

reiro de 1841; os restantes socios da quadrilha foram degredados para a África.

Agora danno, como elemento psychologico, um esboço biographico do principal personagem, Diogo Alves, reconstruido pitorescamente pela imaginação do mesmo romancista (pag. 37).

Os principios de Diogo Alves

E Diogo Alves?

Diogo Alves é um personagem tristemente celebre que está acima de qualquer descripção nossa.

Malvado e covarde, difficilmente acharemos, ao percorrer os annais dos grandes criminosos, quem se lhe avantage na bestial ferocidade.

Diogo, já o dissemos, era gallego.

Nascera em 1810 no bispado de Lugos, freguezia de Santa Gertrudes.

Seus pais, uns pobres lavradores honrados e laboriosos, chamavam-se Anselmo Alves e Rosa Alves.

Logo que o rapazote esteve em estado de pegar n'um baril, foi mandado para Lisboa com outros vizinhos.

Na vespera confessou-se e despediu-se dos parentes. Entre tanto a mãe preparava-lhe a roupa, que não o devia carregar muito, porque constava apenas de dois pares de calças de briche e duas camisas grossas de estopão.

No dia da partida esteiou elle o seu chapéu de panno e calçou os sapatos novos, que a cada passo o molestavam, fazendo-o ver as estrelas, e pozi o sacco da roupa ás costas, onde a mãe veiu toda lagrimosa meter um pedaço do pão mais fino, que ainda assim tinha farelhos que não se podia tragiar.

O pae disse-lhe então deitando-lhe a bênção:
— Deus te ajude.

E a mãe, essa, coitada, afflictissima e chorosa, pozi-lhe ao pescoco um enorme rosario e disse-lhe:

— Vae-te, filho, e pega-te a Nossa Senhora.

Diogo coçava a cabeça e as farripas caiam-lhe sobre os olhos, empastadas e secas como a lã das ovelhas que elle apascentava.

D'ahi olhava estupidamente para tudo que o rodeava e sentia apenas que os sapatos lhe apertavam muito os pés, ainda não acostumados a andar calçados.

Depois, no caminho, iam-se-lhe juntando outros vizinhos, que também vinham para Lisboa, de rancho todos e a maioria já de sapatos às costas, para melhor vencerem a jornada. E assim, chorosos dos *airinhos* da sua terra, dos *amorinhos* de ao pé do adro e da vacca parida, e da bezerra e de tudo o que fallava à imaginação d'aquelles rapazes, entraram elles em Lisboa corridos, envergonhados, mal postos e de bôca aberta, como quem boceja enfastiado, ao despertar de um sono que lhe deixou impressões agradáveis.

Os pais de Diogo, esses lá se foram consolando com a perspectiva da felicidade do filho.

De tempos a tempos escreviam a saber novas d'elle. Eram a princípio as cartas cheias de afecto maternal e traduziam-se nestes dizeres:

«Diogo, filho da bênção de Deus, cá recebi a tua estimada carta, que logo li a toda a família da casa, e eu e tua mãe e teu mano, e todos nós chorámos ao ouvir tal preciosa carta e só por milagre de Deus nos julgámos merecedores da satisfação e do gosto de ter um filho como tu.»

Diogo dizia-lhes que entraria em Lisboa com o pé direito. Fôra logo admitido nas principaes casas e em pouco passou de moço de cavallariça a boifeiro, no que era insigne. De facto, elle serviu na qualidade de boileiro as casas dos marquezes de Penalva, Castello Melhor, conde de Belmonte, os conselheiros Castro e Cunha, o dr. João Thomaz de Carvalho e muitos outros.

Alem da pericia na arte que professava, os seus modos comedidos, a humildade do seu trato, contribuiram também muito para que todos sympathisassesem com elle.

Era um bom rapaz, inoffensivo, pacifico e trabalhador. Já se vê que os paes tinham razões para desafogarem toda a alegria de suas almas n'aquelleas missivas amantíssimas que enderezavam de Lagos para Lisboa.

D'ahi olhava estupidamente para tudo que o rodeava e sentia apenas que os sapatos lhe apertavam muito os pés, ainda não acostumados a andar calçados.

Depois, no caminho, iam-se-lhe juntando outros vizinhos, que também vinham para Lisboa, de rancho todos e a maioria já de sapatos às costas, para melhor vencerem a jornada. E assim, chorosos dos *airinhos* da sua terra, dos *amorinhos* de ao pé do adro e da vacca parida, e da bezerra e de tudo o que fallava à imaginação d'aquelles rapazes, entraram elles em Lisboa corridos, envergonhados, mal postos e de bôca aberta, como quem boceja enfastiado, ao despertar de um sono que lhe deixou impressões agradáveis.

Os pais de Diogo, esses lá se foram consolando com a perspectiva da felicidade do filho.

De tempos a tempos escreviam a saber novas d'elle. Eram a princípio as cartas cheias de afecto maternal e traduziam-se nestes dizeres:

«Diogo, filho da bênção de Deus, cá recebi a tua estimada carta, que logo li a toda a família da casa, e eu e tua mãe e teu mano, e todos nós chorámos ao ouvir tal preciosa carta e só por milagre de Deus nos julgámos merecedores da satisfação e do gosto de ter um filho como tu.»

Diogo dizia-lhes que entraria em Lisboa com o pé direito. Fôra logo admitido nas principaes casas e em pouco passou de moço de cavallariça a boifeiro, no que era insigne. De facto, elle serviu na qualidade de boileiro as casas dos marquezes de Penalva, Castello Melhor, conde de Belmonte, os conselheiros Castro e Cunha, o dr. João Thomaz de Carvalho e muitos outros.

Alem da pericia na arte que professava, os seus modos comedidos, a humildade do seu trato, contribuiram também muito para que todos sympathisassesem com elle.

Era um bom rapaz, inoffensivo, pacifico e trabalhador. Já se vê que os paes tinham razões para desafogarem toda a alegria de suas almas n'aquelleas missivas amantíssimas que enderezavam de Lagos para Lisboa.

Mas o seu entusiasmo foi pouco a pouco desaparecendo e um ressentimento cruel se apoderou do coração dos velhos. O ingrato já não respondia ás repetidas cartas que lhe enviavam!

Julgaram a principio que estivesse doente e em mil outras suposições se entreteveram por muito tempo nas ancias da inconsolável saudade que os rulava.

Mas, novas de Diogo, nemhumas!

A resignação veio por fim confirmal-os na sua tristiza. «Está rico e já se não lembra dos paes, que são pobres. Paciencia. Seja elle feliz, que nós cá nos iremos arranjando com a graça de Deus.»

Porém n'estes raciocínios, ainda mais uma vez se illudiam elles. Aquillo era o que lhes dictava o coração.

Os olhos da consciência rude dos pobres paes não viam que o maior infortunio que podia feir o rapaz, era esse esquecimento do affecto filial de que o accusavam.

Como pôde ser feliz o filho que em qualquer circunstancia da vida esquece aquelles que ampararam os seus primeiros passos, formando-lhe o seu coração, comunicando-lhe toda a ternura da sua alma?

E de facto assim era. Diogo, esquecendo os paes, esquecera-se de si proprio.

Já não era o laborioso rapaz de Lugo que entrara em Lisboa para dar ao trabalho o seu braço vigoroso, redimindo com o seu esforço a miseria dos seus, como tantos outros companheiros que voltavam á terra entre as bençãos e satisfação das famílias e dos vizinhos.

Operara-se no seu modo de ser uma transformação radical, profunda, pasmosa!

O dr. João Thomaz de Carvalho, onde elle esteve ultimamente, desgostoso pelas más tendencias do servo, despedira-o.

Diogo até ali tinha pessoas que depositavam n'ele grande confiança.

Chegavam á emprestar-lhe ás cincuenta e cem moedas, porque era uma escrputura a palavra de Diogo. Como pois se

fez d'elle um ladrão astuto e um assassino ferocíssimo? As companhias da taberna começaram naturalmente por lhe explorarem no jogo a algibeira, depois esse credito que o hombrava tanto, e por ultimo, arrastando-o ao crime, exploraram-lhe também essa tendência terrível, servindo-se da ferocidade extraordinaria que despertou de subito na alma d'esse homem pervertido pelo contacto dos maus, escravizado, como tantos outros infelizes, pelo vicio e ruins paixões de que elle se alimentava.

É nesse estado doentio que nós o encontrámos em Palhavã: nos braços d'essa mulher monstruosa, como que se ella quizesse, com a sua impudicencia e o seu cynismo revoltante, completar aquella desgracada existencia, desamparada de todos os affectos santos, entregue á voragem das paixões criminosas, despenhada nos abyssmos da libertinagem.

Diogo tinha mais que má fama, comegava já a ser temido

dos proprios facinoras!

Não admira por isso que o Beijo Rachado, seguindo-o na sua excursão aos Arcos, fosse com o credo na bôca.

Elle sabia com quem tratava.

Diogo, porém, reservava aos seus cumplices mais altos comprometimentos que o de ficarem na ponta da sua faca.

Chegado que foi à entrada dos Arcos, disse ao Beijo Rachado que o seguisse, e avançou na sua frente por uma especie de corredor estreito e humido, que recebia apenas a frousxa claridade de umas frestas collocadas ao alto das paredes de espeço a espaço.

Era o aqueducto.

Essas frestas davam para fóra, para o caminho franco ao publico.

Caminharam assim por bastante tempo.

O Beijo Rachado jugava-se n'uma passagem subterrânea. Diogo fa-lhe contando como obtivera as chaves de todas aquellas portas e entrava por ali dentro com a mesma liberdade de quem está em sua casa.

Fóra ouviriam-se as vozes da gente do campo: «Deus o salve! Vá com Deus!» ou algumas das cantigas do povo em

que os homens de trabalho se entretem nas horas enfadonhas da vida.

De repente Diogo Alves parou. Depois poz-se á escuta.

N'aquelle occasião não passava ninguem. Ao longe ouviam-se os latidos dos cães, o tropel dos animaes e as pragas dos arrieiros e dos moços do grado.

— Ouves? disse elle para o companheiro.

— O que é?

— Uns passos da direita...

— Não ouço.

— Avança!

E puxou-o pela goia da fardeta.
— Escuta agora.

Ao longe sentia-se um rastejar imperceptivel quasi. Diogo largou o companheiro, n'um impulso de alegria fervorosa, e disse-lhe:

— Vae ver, Manuel!

Depois tirou precipitadamente da algibeira a chave com que entraria na galeria, abriu uma pequena porta que lhe ficava na frente, e desappareceu com a rapidez de um raião.

Uma lufada do ar puro da manhã penetrhou no aqueducto. Beijo Rachado quasi que estremeceu.

* * *

O malogrado escriptor Julio Cesar Machado, no seu livro *Lisbon de hontan*, occupa-se de um famoso coxo que ha quarenta annos estacionava no Terreiro do Pago, á porta da aula do commercio (hoje repartição das encomendas postais), ladrvaz reformado, caixa de furtos. Mandava os seus delegados para o jardim da alfandega, para os theatros, para a porta das igrejas e arrecadava depois o producto d'essas diligencias, de umas vezes recompensando logo os "gratunos", de outras encarregando-se laboriosamente da venda dos objectos e dividindo o producto com equidade.

Pessoa a quem na rua houvessem furtado a bolsa ou o relógio ia procurar o coxo; um ou outro, por conhecer menos os costumes, dirigia-se à polícia, o que tinha o inconveniente de uma pequena demora, porque iam em seguida consultar o coxo, a polícia e elles. O coxo alcançava dos gatunos o furto e entregava-o ao dono mediante uns vintens ou pintos para alvazaras.

Anterior ao *coro da arcada* habitou para os lados das Portas de Santo Antão, em Lisboa, o *Troca*, receptador de roubos, muito conhecido dos comerciantes que tratavam com o Alemtejo. *Troca*, era a sua alcunha, conseguiu por sardinheiro e contrabandista, depois foi grande marchante. Estava em relações íntimas e constantes com as quadrilhas de ladrões do Alemtejo. A pessoa que precisava ir com dinheiro para aquelas paragens entregava ao *Troca* a percentagem por elle exigida e recebia em pagamento uma espécie de salvo-conducto, com o qual ia não só protegido, mas respeitado pelas quadrilhas. Dizia-se que o *Troca* livrava da cadeia do Limoceiro e da África os ladrões, porque tinha por braço direito um alto funcionário judicial conhecido pelo *Tim-Tim*. Antes da abolição dos contos, eram os fidalgos que davam fautoria aos criminosos, tendo também o privilégio de conceder salvo-condutos (espécie de andaria entre os kabillas do norte da África), aos seus criados e aos seus amigos. Bastava um utensílio doméstico como, por exemplo, uma botija com o bocal da casa do fidalgo protector; isto sucedia no pinhal da Azambuja e n'outros lugares onde estacionavam quadrilhas.

A instituição da polícia, o aparecimento dos caminhos de ferro e o homicídio deliberado e posto em execução pelas quadrilhas vítimas dos malfeitos, têm feito com que estas quadrilhas hajam diminuído, mas aparecem ainda frequentemente já modificadas, isto é, adaptadas às novas condições sociais.

Lembra-se todo o Portugal da fama da serra da Falperra, que era coito de ladrões, salteadores e de moedeiros falsos. Segundo escrevem ultimamente de Braga, foram ali encontradas, em frente da igreja de Santa Maria Magdalena, as

ossadas de cinco cadáveres, e entre elles a soga de um boi. Restos, sem dúvida, dos antigos tempos de ladroagem.

O espírito de associação continúa, e ainda nos últimos tempos foram julgados em tribunal indivíduos pertencentes ás quadrilhas do *Papa-assucar*, á de *Agua Santas*, e á de *Soure*, que dizem ainda existir composta de cincuenta figuras, homens e mulheres, assaltando diversos pontos, como Soure, Alfarelos, Ega, etc.

Foi em Lisboa julgada uma quadrilha de gatunos que durante o anno de 1888 assolararam a cidade, roubando nos establecimentos e assaltando as casas de habitação, onde entravam por meio de arrombamento, ou com o auxilio de gazuas e de chaves falsas, sendo grande o numero de victimas que ainda hoje depõem a perda dos seus unicos baveras, sem terem ao menos a consolação de verem pindos os roubos, por isso que, não podendo colher provas bastantes contra os gatunos por alguns dos roubos, a justica para não perder o tempo, como lhe acontece muitas vezes, limitou-se a acusar os só por aquelles em que parece haverem elementos de culpa para se lhes exigirem responsabilidade.

Primeiro o chefe da quadrilha, Antonio Ribeiro, que é quem dava os planos, distribuia os serviços, presidia ás reuniões que havia semanalmente, e todos lhe deviam respeito e obediencia. Depois Cypriano Paes, que é quem tinha ação imediata sobre a quadrilha; emprestava casa para as sessões, dava guarda aos sócios quando a polícia os perseguiu, e encarregava-se da venda dos objectos roubados, cujo producto dividia depois entre todos, segundo o mérito e a parte activa que cada um tomara no negocio.

Seguiam-se ao chefe e ao imediato, os homens de ação, como elles se inculcavam. Eram treze e todos com nomes de guerra:

O Chinita, o Varino, o Sueco, o Gallego, o Artilleiro, o Sadoio, o Pancas, o Batatas, o Boletineiro, o Ministro, o José Lachão, o Maneta e o Diogo.

Ao lado destes eram mais seis réus, cinco homens e uma

muller, que a accusação diz serem encobridores do crime, por isso que compravam aos gatunos os objectos furtados por tão baixo preço, que não devia restar-lhes a menor dúvida sobre a sua proveniencia ilícita.

Eram vinte e um os réus, sendo quinze os ladrões e seis os recuperadores.

Ainda em 1891 foi descuberta em Lisboa uma *quadriilha de gatunos caixeiros*, assim bem organizada para a exploração da propriedade do proximo. A polícia já tem feito dissolver algumas associações d'este género, e quanto mais se dissolvem, mais elas se vão formando e cada vez com maior aperfeiçoamento.

Esta associação era vasta e prova a invenção de processos novos para a prática d'este género de crimes. Estas e outras associações apresentam-se perante a autoridade como uma espécie de associação de socorros mutuos, escondendo na dobreza da intenção dos seus membros os fins ilícitos que têm em vista. Eis alguns pormenores d'esta associação de malfeiteiros:

Aos caixeiros filiados na *associação*, era aberta uma conta corrente, onde se lhe debitava o dinheiro, tabaco, etc., que lhos era fornecido, e creditados (por uma quarta ou sexta parte do seu valor, já servé!) os generos que elles furtavam aos estabelecimentos e entregavam ao director ou seus agentes.

Há caixeiros que chegão a ser devedor à *associação* de 120.000 réis, pagando esse abono com generos em que era defraudado o patrão em mais de 600.000 réis.

Quando os caixeiros filiados estavam desarrumados, a *associação* sustentava-os e tratava de os colocar. Para isto tinha a *associação* como cumplices dois ou tres sujeitos estabelecidos e gozando de bom nome, para recommendarem e afangarem os caixeiros larápios.

Quando um d'estes queria entrar para qualquer estabelecimento, apresentava-se ali com carta de um dos tais abonadores, afiançando a sua probidade, pericia, seriedade, etc. Se os donos dos estabelecimentos, não convencidos ainda, se dirigiam pessoalmente e para maior segurança aos abonadores,

estes confirmavam as informações. E o larápio lá entrava para o estabelecimento.

Uma precaução era sempre tomada com estas cartas; nunca eram escriptas nem assignadas pelo punho do individuo em nome de quem elas iam. Isto é, os *abonadores* mandavam-as escrever, inclusivamente a assignatura, por uns dos agentes.

No momento em que escrevemos estas linhas (1891) tem a diligência da polícia descoberto uma associação de falsificadores de firmas, que conseguiram extorquir importantes quantias a bancos e a casas commerciaes de Lisboa, Coimbra e Porto. É um aspecto novo da associação dos caixeiros.

Quando estas associações não podem viver com maior segurança nos povoados, establecem sede nas grutas e nos rochedos. A polícia de Bordéis descobriu, há pouco, o *quartel* de uma quadrilha de salteadores.

Um pastor que andava nas montanhas de Laugon é quem avisou a polícia da existencia do tal *quartel*. É uma caverna natural, formada entre os rochedos, cuja abertura estava tapada com um pano de lona, pintado a fingir a rocha e disfarçando perfeitamente a entrada. Dentro, em uma especie de sala de cerca de 10 metros em quadro, foram encontradas dez armas de fogo e brancas, colchões e cobertores, uma capoeira com mais de duzentos ovos, barris de vinho e de aguardente e muitos outros objectos.

O mesmo faz uma *associação de sequestradores* em Espanha com uma organização simillante á da *milha negra*, desencriptada pelo ilustre criminalista Lombroso.

No mesmo dia em que do carcere de Saragoça partiam para o presídio de Ceuta, os seis salteadores (condemnados a gílha perpetua) que ha tempo sequestraram o advogado D. Manuel Buil, outro sequestro era feito em Malaga.

Um rapaz de dezesete annos, filho de uns lavradores de Sierra Yeguas, foi apanhado pelos bandidos, quando atravessava a montanha para ir visitar uma das suas fazendas, e se-questrado. A familia, não o vendo regressar, procurava-o por

toda a parte e fazia procurar pela polícia, supondo ter havido desastre, quando recebeu uma carta anonyma, intimando-a a mandar por em certo logar a quantia de 2.000 duros (1:800.500 réis), para resgate do rapaz, que seria morto se a quantia não fosse paga no prazo indicado. A família, de acordo com a guarda civil, mандou efectivamente colocar os 2.000 duros no logar indicado, *para servirem de isca*, e quando o emissario dos bandidos os foi buscar, um polícia disfarçado seguiu-o para conhecer o valhacouto dos malfeiteiros, que era uma caverna na montanha, onde pouco depois eram presos tres dos salteadores, apprehendido o dinleiro e solto o rapaz, que tinha ali estado sequestrado durante tres dias. A quadrilha compunha-se de mais cinco ladrões, que a guarda civil perseguiu.

A Italia com a sua variada orographia ainda conserva os bandidos.

Ha pouco tempo ainda o barão Zurlo e um filho de quinze annos voltaram de um passeio ao campo e recolhiam-se a sua casa em Catrone, aldeiasita da Calabria, quando, a distancia de 9 kilometros da cidade, foram detidos por cinco individuos armados, que intimaram o barão a entregar-lhes 100:000 francos pelo resgate do filho que prendiam.

Ao barão deram-lhe a liberdade para que pudesse arranjar o dinheiro necessário e depositá-lo no local designado o mais depressa possível, fazendo-lhe as mais terríveis ameaças. O pobre pae, louco de terror, não se queixou á polícia e deu-se pressa de, n'aquelle mesma noite, levar aos bandidos a somma de 40:000 francos que elles embolsaram sem contar. O captivo foi posto em liberdade ás quatro horas da manhã. As autoridades locaes empregam os maiores esforços para haver ás mãos os bandidos, o que não será talvez muito difícil, pois que o barão Zurlo teve o cuidado de marcar com signaes convencionaes as notas do banco que deu aos ladrões.

As povoações da Calabria estão seriamente assustadas, recordando que se remove o bandoleirismo com todos os seus horrores.

Ainda ultimamente a imprensa se ocupou do conflito diplomático havido entre o reino da Italia e a republica dos Estados Unidos da America, por causa do assassinio do chefe de polícia de Nova Orleans, praticado pelos imigrantes italiani, que levam consigo para a America a nefasta tradição da *Camorra e da Mafia*.

Existir já ha trinta annos em Nova Orleans uma sociedade italiana de *Vendetta*, que tem o nome de sociedade *Mafia* e conta trezentos membros. Um grande numero de crimes ultimamente praticados em Nova Orleans é atribuido à referida sociedade, conseguindo os seus autores escapar á vigilancia e pesquisas da polícia.

As ultimas proezas dos socios da *Mafia* foram em maio de 1890. Assaltaram n'uma das ruas um grupo de seis pessoas, matando quatro e deixando as duas restantes gravemente feridas. D'esta vez, a polícia conseguiu prender seis dos criminosos. Durante a instauração do processo foram assassinadas algumas das testemunhas de acusação. Os réus foram condenados, mas o processo foi anulado por uns certos defeitos de organização.

O chefe de polícia de Nova Orleans, Heumessy, continuava um inquerito minucioso sobre os actos da *Mafia*, e parece que conseguiu reunir provas evidentes contra a associação. Em vista da imminencia do perigo, a sociedade resolvem matar Heumessy, e esta resolução foi tomada no momento em que elle entrava em casa. O chefe de polícia defendeu-se energeticamente. Descarregou os seis tiros do seu revolver, mas sucumbiu ao numero dos assaltantes.

Um agente policial, que correu em socorro do chefe, ficou morto tambem.

Foram presos quarenta italiani, que chegavam de Chicago, sem meios legais de subsistencia. A polícia descobriu já que o assassinio de Heumessy foi ordenado por um individuo chamado Matranga, chefe de uma quadrilha siciliana de malfitores. Foram presos cinco dos saltadores e entre elles o executor do crime, Manuel Pietro. Reuniram-se provas evidentes dos autores destes grandes crimes.

Ora, depois de tudo isto, o jury, uns dizem que por medo, outros que por suborno, absolveu os criminosos. Foi então que os habitantes resolvaram pôr em vigor a lei de Lynch, tanto mais que a *Mafia*, animada pela absolvição dos seus compênhieiros, estava fazendo festas e cometendo desatinos de toda a especie.

No dia seguinte, poucas horas antes dos italianos deverem ser postos em liberdade, uma multidão enorme cercou a prisão, arronhou as portas e, apoderando-se dos italianos, levou-os para o pateo. Ali foram separados oito rapazes muito novos e que os *lynchistas*, com um julgamento sumário, julgaram menos criminosos e posaram em liberdade. Os onze restantes foram fuzilados.

A lei de Lynch é terrível e principalmente... summaria.

A lei de Lynch está ainda em pleno vigor em todos os Estados Unidos da America do Norte. Eis a esse respeito uma estatística comparativa, muito curiosa e... significativa:

Anos	Execuções leigas	Lynchagens
1884	103	219
1885	108	181
1886	83	133
1887	79	123
1888	87	144
1889	98	175
Total	558	975

Quasi o dobro *lynchados* dos que executados legalmente!

Estas sociedades secretas têm uma vasta importâcia eleitoral na grande democracia americana, por isso influem de um modo decisivo na escolha dos magistrados, chegando n'alguns estados a elegê-los segundo o seu desejo.

Os cidadãos honrados, vendo-se escamecidos por tais magistrados, que nos tribunais absolvem os réus filiados em associações de malfiteiros, recorrem à lei de Lynch.

Algumas d'estas associações secretas levam a sua audacia

a celebrar congressos de ladrões, com anuncios nos jornais. Ainda ultimamente se effectuou um d'esses congressos.

Foi celebrada a reunião n'uma povoação proxima de Chicago, com o fim de nomear uma delegação encarregada de discutir perante as autoridades os interesses da associação. Entre as resoluções importantes tomadas pelos membros da assemblea ficou assente que seria levantada uma estatua de bronze á negra Ada Lippineot, uma das propagandistas mais activas da corporação. Ada nasceu em 1841 e desde a mais tenra idade dedicou-se ao furto e á mendicidade. Depois, já amestrada e distinta na arte, consagrhou-se a ensinar um grande numero de discípulos, que foram o terror da comarca. O governador de Illinois negou o terreno solicitado para a criação da estatua, mas os ladrões não se deram por vencidos e resolveram estabelecer-se em Galesburg, povoação de poucos habitantes, e preparam-se para vencer as proximas eleições, mandando ao parlamento um representante encarregado de patrocinar a sua causa.